

A porta amazônica da

Natura

Com produtos originários da mais conhecida floresta do mundo, empresa finca raízes na selva e adota sistema de parceria com produtores extrativistas

IBIAPABA NETTO

THIAGO BERNARDES



O ano era 1998 quando a Natura, uma das maiores empresas de cosméticos do País, tomou uma decisão arriscada: toda a estrutura de sua linha passaria a ter na floresta amazônica o seu principal apelo. A ideia era transferir para os produtos um pouco do apelo e da mística que envolve a maior área preservada do planeta, seus odores e nomes exóticos. Mais de dez anos depois, a marca se tornou referência justamente pelo seu apelo ecológico e para manter a sua oferta de matéria prima, teve de iniciar um novo ciclo de relacionamento com os povos

amazônicos, principalmente os extrativistas de amêndoas, raízes e sementes. "Isso aconteceu quase que por instinto porque não sabíamos que esse apelo ambiental ganharia tamanha importância", explica Marcos Vaz, diretor de sustentabilidade da Natura.

O fato é que a linha se tornou o principal ativo da companhia e até por isso se tornou necessário inves-

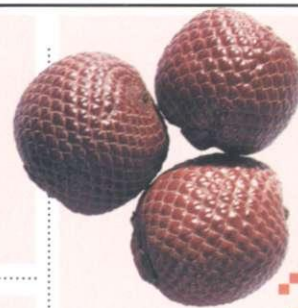
Marcos Vaz:
descobrir novas moléculas na floresta está nos planos da empresa

EXÓTICOS ODORES

As sementes e frutas compradas de cooperativas em áreas preservadas



Cupuaçu:
além de produzir perfumes à base da semente da fruta, a planta possui ação hidratante e da sua manteiga são feitos batons e base para maquiagem



Buriti:
O óleo extraído dessa é um protetor da pele. A fragrância é a difícil de ser reproduzida sinteticamente

Murumuru:
Antiga praga é utilizada para fazer a pasta que dá base aos sabonetes. Cremosidade e fragrância são destaques da planta.

Cacau:
Rico em ômega 9, a planta tem características que possibilitam a hidratação da pele, além de produzir uma sensação morna sobre a pele.



Andiroba:
Semente utilizada para a obtenção de fragrâncias. Seu uso em cosméticos fornece cremosidade aos produtos, produzindo uma sensação agradável à pele



tir nas comunidades extrativistas.

"Adotamos como filosofia que a natureza é o nosso maior patrimônio, logo temos que lutar para que ele seja mantido", diz. Em 2009, foram distribuídos R\$ 4,9 milhões a 23 comunidades. Marcio Silva Ramos é presidente da Cooperativa Mista dos Agricultores Entre os Rios Caeté e Gurupí (Coomar), que congrega produtores da região de Santa Luzia do Pará, a 150 km de Belém. O principal produto fornecido à Natura é uma semente chamada murumuru, cujo princípio ativo produz uma espuma diferenciada nos sabonetes. "No nosso caso, somos 74 cooperados com 50 hectares cada", diz o produtor. Ramos explica que até 2008, o murumuru era considerado uma praga e muitos extrativistas chegava a cortar suas árvores, espécies de palmeiras chamadas Tucumã e Inajá. "Recebemos cerca de R\$ 2,53 por quilo", diz. No ano passado, foram comercializadas cinco toneladas e a tendência, de acordo com o cooperado é que o volume aumente significativamente. "Podemos até dobrar", afirma.

R\$ 4,9 MILHÕES
É O VALOR QUE A
EMPRESA DESTINA A 23
COMUNIDADES
AMAZÔNICAS

O princípio da parceria está fundamentado nas boas práticas agrícolas, que nada mais são do que um conjunto de regras de manejo que garantem uma produção sustentável. Entre as "regras" existentes há a obrigatoriedade de se deixar uma quantidade de sementes no chão para garantir que as espécies continuem se desenvolvendo, além de um controle rigoroso sobre as épocas

de colheita. Para o futuro, a empresa aposta na descoberta de novas moléculas que podem gerar produtos diferenciados. "A Amazônia é uma fonte ilimitada de recursos e vamos descobrir onde estão as novidades", explica Vaz. Segundo o diretor, a sabedoria popular que é uma das fontes de pesquisa sobre possíveis utilidades de plantas ainda não usadas. "Fazemos os testes em laboratório, que é uma longa pesquisa para confirmar as propriedades e a segurança dos princípios e só depois uma nova linha começa a ser desenvolvida", diz. Para Ramos, da Coomar explorar a floresta de uma forma sustentável é a melhor forma de se levar a vida. "Cuidamos do mundo e ainda tiramos o nosso sustento com dignidade", diz.